

Índice

ENSAIOS BIOGRÁFICOS ESCOLHIDOS

| | |
|-----------------------------|----|
| Winston Churchill | 11 |
| Trotsky e a Inglaterra | 25 |
| Newton, o Homem | 31 |
| Bernard Shaw e Isaac Newton | 45 |
| Einstein | 53 |

DUAS RECORDAÇÕES

| | |
|------------------------------------|-----|
| <i>Introdução</i> | 59 |
| O Dr. Melchior: Um Inimigo Vencido | 63 |
| As Minhas Convicções Juvenis | 115 |
| <i>Nota Introdutória</i> | 117 |



Ensaio Biográfico Escolhidos



Winston Churchill

1. Churchill: Sobre a Guerra

Este livro brilhante não é um livro de história¹. É uma série de episódios, uma sucessão de imagens panorâmicas, destinada a ilustrar um ou outro aspeto do grande conflito e a confirmar a tese do autor sobre a condução da guerra moderna, segundo as suas perspectivas estratégicas mais vastas. Trata-se de um modo de proceder que comporta múltiplas vantagens. Churchill refere-se a numerosos detalhes extraordinariamente interessantes, que muitos de nós até ao momento ignorávamos, mas não se perde no esmiuçar de pormenores e aborda com uma visão ampla os problemas essenciais de uma conceção superior da condução da guerra. Como a maior parte dos livros importantes, também este visa um propósito. Não aspira à imparcialidade oca desses autores enfadonhos diante de cujos olhos os factos mais notáveis e sensacionais da história se sucedem sem produzir, num ou noutro sentido, uma impressão definida. Churchill talvez seja a inteligência mais penetrante e precisa que seguiu a guerra de perto, de princípio a fim, dispondo de um conhecimento profundo dos factos e dos pensamentos interiormente alimentados pelos seus principais protagonistas. As suas conclusões sobre a verdade e o

¹ Keynes refere-se, aqui, neste escrito datado de 1927, ao terceiro (*The World Crisis, 1916-1918*) dos cinco volumes da obra *The World Crisis*, publicada por Winston Churchill entre 1923 e 1931. (N. T.)

erro não se limitam a esperar pelo consumir dos acontecimentos. Serve-se de uma linguagem retórica, mas sem exageros. O que significa que se refere aos momentos em que participou diretamente nos factos e emite juízos críticos sobre os pontos em que acredita ter tido uma visão mais acertada do que outros. Mas consegue fazê-lo sem excessivo egocentrismo. Não procura vingança nem se mostra maldoso. Nem mesmo em relação aos almirantes e generais vítimas das suas análises chega a ultrapassar certos limites. Asquith, Lloyd George, Balfour, Bonar Law, Sir Edward Carson — de todos eles, fala aberta e cordialmente, reconhecendo as diferentes qualidades que os distinguem, sem que as falhas que possam ser-lhes imputadas o levem a menosprezar os seus contributos. Churchill escreve melhor do que qualquer outro político desde Disraeli. E este livro, independentemente dos acertos ou erros das suas premissas, aumentará o seu renome.

A tese principal de Churchill condensa-se na afirmação de que, de um modo geral e em todos os países, os militares de carreira, as altas patentes, se enganaram nas grandes questões de política militar — tanto sobre a relevância dos argumentos em confronto como sobre os aspetos de facto —, ao passo que os políticos profissionais, os *frocks*², como lhes chamava Sir Henry Wilson (ele próprio, uma típica figura de *frock*), tiveram quase sempre razão. Trata-se de um aspeto sobre o qual, na época, era impossível a um observador externo emitir um juízo: embora, de facto, fosse claro que as duas partes, em cada nova fase da guerra, tinham cometido erros, não se sabia em que termos deveriam repartir-se as responsabilidades entre o governo e o estado-maior. Em Inglaterra, a opinião pública era, no conjunto, adepta dos generais: estes eram figuras mais coloridas e muito mais gloriosas do que os nossos velhos e tumultuosos amigos *frocks*, beneficiando, além disso, do facto de não terem nunca de se justificar publicamente. Churchill propõe-se restabelecer o equilíbrio e convence-nos, à luz de todas as revelações que, entretanto, se produziram sobre uns e outros,

2 Literalmente, *frock* poderia traduzir-se por “labita” ou “casaca”. Aqui, em registo coloquial e sentido figurado, designa os altos responsáveis políticos civis. (N. T.)

de que a sensatez estava em geral do lado de Asquith, de Lloyd George, dele próprio, de Briand, de Painlevé e de Clemenceau, de Bethmann-Hollweg e do próprio príncipe herdeiro, tendo sido Haig e Robertson, Joffre e Nivelles, Falkenhayn e Ludendorff que puseram em perigo os seus países ou perderam a guerra.

Tentemos sintetizar a acusação de Churchill contra os estados-maiores. Antes do mais, faltou dos dois lados um *cunctator maximus*. Nenhum Fábio apareceu, capaz de esperar, de se retirar, de incitar. As altas patentes tinham sempre muita pressa: pressa em anunciar a posse de novas armas ofensivas — o gás tóxico alemão, os submarinos alemães, os tanques britânicos — antes de as terem acumulado em número suficiente para as tornarem decisivas; pressa de operar as matanças inúteis das suas terríveis “arremetidas”. A rendição estratégica, a retirada deliberada, o esforço visando levar o inimigo a encerrar-se numa bolsa dentro da qual fosse possível cercá-lo — a verdade é que raramente houve recurso a estes expedientes de uma imaginação bélica superior. A contraofensiva de Mangin, sob a direção de Foch, em julho de 1918, que os estados-maiores francês e britânico se inclinavam a desaprovar e a desvalorizar, foi uma das poucas tentativas do gênero. Do princípio ao fim, as ideias dos estados-maiores foram extremamente elementares: na ofensiva, atingir o inimigo nas suas posições mais fortes e expulsá-lo delas; na defensiva, morrer heroicamente na trincheira mais avançada. Não houve mais do que duas importantes exceções a esta regra: a retirada alemã para a linha Hindenburg em 1917 e o comportamento inalterável de Sir John Jellicoe. A fascinante análise empreendida por Churchill da Batalha da Jutlândia pode levar o leigo a pensar que Jellicoe deixou escapar a ocasião, uma ocasião que devia ter agarrado em pleno voo. Mas Jellicoe, que carregava o fardo de riscos e responsabilidades muito maiores do que qualquer outro, sendo o único homem de um ou de outro lado — como Churchill reconheceu — a poder perder a guerra no espaço de uma tarde, sobressai acima de todos os restantes como o único *cunctator* vitorioso, um homem que pode ter deixado escapar ocasiões, mas que resistiu, de princípio a fim, sem ter cometido qualquer erro fatal. Não creio,

mesmo tendo em conta algumas das críticas incisivas de Churchill, que alguém tivesse querido ver no posto de comando do mar do Norte alguma outra das figuras que a guerra fez aceder ao primeiro plano.

O segundo ponto refere-se à estreiteza da perspectiva geográfica dos estados-maiores, à sua incapacidade, tanto de um como do outro lado da barricada, de considerar com visão de longo alcance e a adequada imaginação estratégica e política o interior do campo potencial das hostilidades. Os exércitos atraíam-se como ímãs. Os militares estavam sempre ocupados a tentar descobrir em que pontos o inimigo era mais forte, pedindo depois forças comparáveis ou superiores para o enfrentarem, mas nunca procuravam ver em que pontos era mais fraco para aí o atacarem a fundo. Trata-se de uma velha polémica, sobre a qual sempre soubemos de que lado estava Churchill, bem como também Lloyd George. Não creio que o presente livro contribua muito para a confirmação da sua tese, mas o terceiro ponto de Churchill, ao qual me referirei a seguir, demonstra, segundo penso, a superioridade potencial da visão inquieta dos políticos perante a surdez obstinada dos estados-maiores. Churchill sustenta que os alemães, em particular, Falkenhayn, sofriram a este respeito de falhas pelo menos tão grandes como as nossas. Os generais de ambos os campos eram, no mesmo grau, “ocidentalistas” confessos e, dadas as suas disposições, apoiavam-se mutuamente contra os respetivos governos nacionais.

A estreiteza das perspectivas científicas dos militares de carreira era da mesma natureza que a estreiteza das suas conceções políticas e geográficas: o atraso extraordinário com que se adaptavam às novas ideias mecânicas, que tem um exemplo típico na história dos tanques, cuja adoção seria contrariada pelo nosso estado-maior que nunca os reclamou na quantidade suficiente ao Ministério das Munições, nem mesmo depois de ter passado a uma atitude de entusiasmo perante os seus feitos, ao mesmo tempo que Ludendorff nunca se preocupou em promover seriamente, apesar de a sua existência lhe ter sido revelada desde muito cedo. A inflação da artilharia e a manutenção da cavalaria, que, ain-